

VERDADES E MENTIRAS

Documentário nazista fez da arte cinematográfica uma ferramenta de propaganda política

ISABELA BEZERRA, JULIANA VALE, MARIANA LEWKOWICZ E TATIANA NUNES

Luz, câmera, ação! O cenário era o Estado belicista alemão dos anos 30, captado pelos documentaristas do regime para mostrar a força dos personagens nazistas. Importante ferramenta para a construção do edifício alemão neste período e controlado por instâncias estatais de legitimação, o documentário foi peça chave para a divulgação do regime nazista. A cineasta Leni Riefenstahl, por excelência, documentou oficialmente tudo aquilo que interessava ao governo alemão da época: comícios, festivais e jogos olímpicos. E foram nestas imagens que a verdade e a propaganda política dividiram o mesmo espaço, em filmes tão tendenciosos quanto memoráveis.

"Apesar de Leni trabalhar fortemente com uma noção de verdade no que está sendo apresentado, não se podem confundir seus documentários nazistas com puro registro da realidade". Palavras de um estudioso do Terceiro Reich, o professor do Departamento de História da PUC-Rio Maurício Parada. Para ele, a própria realização do filme *Triunfo da Vontade* de Leni Riefenstahl nega a possibilidade dos documentaristas do regime nazista terem uma concepção estética desvinculada da propaganda. "É preciso lembrar que o Congresso do Partido Nacional Socialista, em 34, foi concebido para se tornar o documentário *Triunfo da Vontade*, só aí a noção de



Apoio popular obtido com espetáculos políticos de massa.

realidade já fica comprometida. Além disso, Leni realizou uma quantidade enorme de cortes e montagens e refez diversas cenas para que o filme saísse perfeitamente como o 'documento' encomendado por Hitler", explica o professor.

Mas a idéia de verdade não está apenas na crítica daqueles que questionam a vinculação de cineastas como Leni Riefenstahl ao governo de Adolf Hitler. Ela também está intrínseca ao projeto estético destes documentaristas. Segundo Maurício Parada, a abordagem dos documentários nazistas está relacionada à construção da verdade, da ordem, da disciplina e da hierarquia social - noções atribuídas de acordo com a lógica do regime. A busca intransigente pela harmonia também foi tematizada, até mesmo aliada aos efeitos da guerra. A batalha, ainda que sangrenta, foi retratada no cinema de propaganda como um elemento harmônico: o herói morre, o homem sofre, mas a morte e a dor garantiriam a harmonia daquela nação.

A nazificação da arte alemã, na década de 30, trouxe ainda ao documentário a idéia de sanidade, numa tentativa de construir um padrão biológico e racial para a Alemanha, marcando as fronteiras entre aqueles que se enquadravam ou estavam excluídos da sociedade nazista.

Não há dúvidas de que se trata de um cinema que aposta no naturalismo. Os documentários de Leni Riefenstahl trazem uma idéia de beleza padronizada, associada a um tipo idealizado de figura masculina. Um "belo" que vai contra as vanguardas abstracionistas e modernistas da mesma época, como explica o professor Parada: "A beleza proposta pela estética nazista é ligada à reprodução do real, seguindo um padrão naturalista abandonado pelo próprio expressionismo alemão".

Mas apesar da temática dos documentários nazistas ter seguido rumos contrários ao cinema vanguardista, sua estética bem pode lembrar o expressionismo do diretor Robert

Wiene em *O gabinete do Dr. Caligari*. O contraste entre luz e sombra, personagens dramatizados e o caráter de tensão das narrativas dos documentários deixam transparecer sua relação com a estética expressionista. Há que se destacar, também, que o aparato de comunicação de massa presente no nazismo alemão tem seu antecedente histórico na sociedade norte-americana. A influência de Hollywood nos documentários do regime está não apenas no processo de massificação de mídia, mas nos grandiosos cenários e produções com ilimitadas facilidades técnicas fornecidas pelo Estado.

Principais produções

Triunfo da Vontade e *Olympia*, de Leni Riefenstahl, surgiram no cenário nazista com uma espécie de condecoração do regime em exercício. A história do nazismo tem raízes na Primeira Guerra Mundial quando, uma vez perdedora, a Alemanha teve que pagar uma pesada quantia às nações vencedoras, sem falar na quantidade de homens que o país perdeu durante o conflito armado. Em função disso, o povo alemão, em estado de miséria e com o orgulho ferido, encontrava-se num descontentamento generalizado. Desempregados, ex-combatentes e pessoas, em geral, arruinadas pela crise econômica foram atraídas pelo Partido Nacional Socialista, cujo líder – Adolf Hitler – sobe ao poder com total autonomia, em 1933.

Influenciada por esta realidade, Leni idealiza o documentário *Triunfo da Vontade*, feito para registrar o primeiro



Triunfo da vontade? Adolf Hitler, conquistador da Europa, 1940/41, na Paris ocupada.

Foto: Hulton Deutsch

congresso do Partido. O filme captou as festas do congresso, nos seus mínimos detalhes. Leni fez tomadas do evento sob distintas perspectivas e, ao lado disso, tematizou a idéia de obediência quando convergiu todas as imagens para a figura do líder absoluto, Adolf Hitler, que é, em última análise, o protagonista da história.

A figura do líder nazista aparece no filme como uma personificação do partido alemão e como o único homem capaz de direcionar a Alemanha neste período de afirmação do regime.

Mesmo com todo aparato fornecido pelo Estado nazista, esse documentário não foi finalizado em 34: ainda demorou cerca de dois anos para ser editado. O filme foi realizado sob encomenda do próprio partido nazista e contou com apoio técnico e recursos financeiros quase que infinitos do mesmo. Num momento de ousadia, Leni chega a colocar elevadores para as câmeras nas bandeiras. Não foi uma produção de baixo custo, pelo contrário, e acabou por levar uma mensagem política bastante clara a respeito de o que foi a Alemanha naquele período.

Leni, em seu documentário *Olympia*, tentou captar com uma amplitude técnica fabulosa a conjugação da noção da competição dos jogos com o modelo de beleza através de um ideal do belo intrinsecamente associado ao corpo masculino clássico, a figura apolínea. Neste documentário, o personagem principal é o atleta ariano, a raça alemã primeira. Mesmo que Leni não tenha sido considerada racista devido ao enfoque dado em *Olympia*, nesta obra é claro o ideal de beleza racialmente identificado.

Veiculados em diversas partes do mundo, cabe a dúvida de como esses documentários repercutiram nos locais onde foram exibidos. Apesar das atrocidades cometidas pelo regime nazista, o *Triunfo da Vontade* ganhou

medalha de ouro no Festival de

Cinema de Veneza, em 1936

e *Olympia* também

recebeu

várias premia-

ções, inclusive

nos Estados

Unidos. O mun-

do assistiu a

esses filmes co-

mo se fossem

artes cinematográfi-

cas e não

como matéria de propaganda. E não é de se estranhar que isso tenha ocorrido, porque mesmo o regime nazista teve uma relevante aceitação política fora da Alemanha, inclusive no Brasil. A Ação Integralista Brasileira, liderada por Plínio Salgado, por exemplo, foi influenciada pelo nazismo alemão.

Infelizmente, hoje não se sabe ao certo o que foi feito com os originais destes filmes, já que depois de 1945, quando a Alemanha perdeu a Segunda Guerra Mundial, muitos acervos foram confiscados pelos países vencedores.

O controle

Nenhum outro nome superou o de Leni Riefenstahl na história do documentário nazista. A atriz, diretora e produtora tinha tudo o que queria nas mãos para fazer os filmes que sabiam tocar fundo o coração do partido hitlerista. Leni era realmente uma deusa; mesmo que imperfeita, como diz o título da obra de Ray Muller, em que o cineasta faz um resumo primoroso da vida do "fenômeno" Leni. Mas de onde vinham todos os recursos para a produção de filmes notáveis?

O sistema de cultura alemão tinha mecanismos internos para o financiamento de tais documentários. A partir de 1933, quando o partido nazista assumiu o controle, e durante toda a década de 30, criou-se um aparato sofisticado e sério para as artes no país. A UFA, um conjunto de estúdios do qual fazia parte o Babelsberg (onde foi gravado o clássico do expressionismo alemão, *Metropolis*, de Fritz Lang), mantinha projetos cinematográficos importantes. Não foi à toa que a era dos documentários nazistas durou aproximadamente dez anos, se mantendo firme e ganhando prêmios, principalmente a cinematografia de Leni Riefenstahl. Havia setores culturais que eram fundamentais para os projetos de afirmação política nazista. Uma curiosidade: a alusão aos Jogos Olímpicos era parte destes projetos, que visavam ao estímulo às artes, cultura, esporte e lazer. Tudo isso nazificado, é claro.

A Alemanha tinha um departamento de cinema com sistema centralizado, que passava por um forte controle do Estado. Era palco de conflitos, em que vários grupos disputavam a liderança. Os filmes eram, na maioria, ligados à propaganda ideológica e não era nada fácil aprová-los. A chamada Câmara de Filme, um

órgão centralizador que decidia que produções deveriam ser feitas, atuava como se fosse o controle de um grande e poderoso estúdio. Subordinados a esta "Câmara de Filmes" estavam os estúdios alemães, credenciados e financiados devidamente pelo Estado. Tudo isso não passava de uma tentativa de criar a imagem de um sujeito nazista, daquilo que deveria ser o alemão, de quem seria o ariano legítimo.

"Ela produziu um certo ideal estético, de um modelo de beleza e de imagem" – Prof. Maurício Parada

A preferência do público e do Estado na época era por filmes ficcionais, principalmente os históricos. Os temas abordavam questões como a honra dos militantes do partido, apontando para o passado histórico e tudo o que era ideal para o Terceiro Reich. Ordem, honra e orgulho não faltavam nos roteiros.

Leni: condená-la ou absolvê-la?

Um dos maiores mitos do mundo do cinema, personagem controvértida e alvo tanto de críticas como de admiração, Leni Riefenstahl marcou seu tempo. A cineasta que mais contribuiu para as produções de massa do Terceiro Reich e arrancou elogios de Hitler agora é julgada. A heroína-mártir merece ser condenada, ou absolvida?

Segundo o professor Maurício Parada, "responsabilidade ela tem, apesar de não ter documentado nada absolutamente racista. Mas a textualidade de seus filmes é o próprio filme e não o que está literalmente dito nele". Leni Riefenstahl reaparece na década de 90, nas telas de cinema do mundo inteiro, no filme de Ray Müller, que chegou a figurar entre as cinco maiores bilheterias nos Estados Unidos, mostrando vitalidade e paixão artística. A velha dama não parece corroída por nenhuma culpa especial. Quando confrontada com as imagens de seus filmes nazistas e as cenas de violência na Alemanha, ela não expressa mais que um vago arrependimento; uma estranha inocência com relação à barbárie a que

esteve tão ligada, ainda que de forma indireta. Insiste no discurso de boa fé e de autodefesa. "Ela tenta se defender. Mas ela tem responsabilidade, claro. Como parte da construção de um certo ideal estético, de um modelo de beleza, de imagem, que ela produziu", rebate o professor Parada.

Na biografia que Leni publicou em 1987, *A Peneira do Tempo*, a cineasta se apresenta como uma profissional que apenas cumpriu seu trabalho de produzir obras cinematográficas, sem o intuito de colaborar com um regime violento e racista. A leitura de sua vida não passa pela condenação de seus atos. Segundo sua ótica, foi apenas um trabalho sob encomenda, sem conhecer o caráter e o propósito daquelas obras, manipuladas pelo governo nazista da Alemanha. "Ela fez parte do processo, de um esforço de um estado belicista, racista. Dizer que ela simplesmente aproveitou uma condição que lhe foi dada, de produzir com todos os recursos técnicos e financeiros, e por isso fez todos aqueles registros, me parece uma resposta ruim", condene Parada.

Ray Müller, quando produziu o documentário sobre a dama maldita, já evidenciava algumas contradições da protagonista de tanta polêmica. Marcas de orgulho, vaidade e auto-suficiência ficam nítidas, quando Leni irrita-se com perguntas delicadas e escolhe ela mesma o enquadramento para ser filmada. Leni refugia-se constantemente numa suposta pureza das formas. Essa cineasta, que com 90 anos de idade ainda maquia suas produções (ainda que não sendo de sua direção, mas protagonizada por ela), não parece tão inócuia quando fala de sua responsabilidade na indústria cinematográfica do Terceiro Reich. "Ela tem responsabilidade porque produziu uma imagem. Tirando o fato de ser propaganda ou não, isso tem uma repercussão na experiência social das pessoas muito importante, ao ver os filmes. As pessoas que viram seus filmes foram envolvidas, emocionalmente tomadas pela narrativa, e isso é de muita intensidade", ataca novamente o professor Parada.

Riefenstahl e Hitler: uma relação enigmática

Quanto à sua relação com o poder do Terceiro Reich, a cineasta se atribui características de alienação do belo pelo

belo, em que interessava-lhe tão somente o potencial estético do aparato cenográfico e militar. "Foi como ser atingida por um raio", assim descreve Leni, em sua autobiografia, a primeira vez em que viu Hitler num comício. Ela escreveu uma carta ao Führer e aceitou os subsequentes convites que haveriam de construir um dos mais polêmicos relacionamentos do século. Fascinação abstrata, imitação emocional, hipnose, renúncia da liberdade caracterizavam a adesão fascista. Mas segundo a cineasta oficial do nazismo, era possível servir ao poder e ao mesmo tempo conservar sua independência. Para ela, tratava-se apenas de uma oportunidade rara de exercer seu gosto pelas belas composições plásticas e exercer o poder de regente que sua personalidade profissional demandava. "Não vejo como não responsabilizá-la, mesmo que não tenha sido membro do partido. Ela não estava distante do poder. Primava pelo círculo de pessoas do partido. Não era alheia, ou apenas uma burocrata. Era uma intelectual orgânica deste período. Trabalhou com os registros intelectuais que o partido nazista ofereceu à Alemanha como possibilidade para se montar uma estrutura política", condene o professor Parada.

Após a Segunda Guerra Mundial, Leni foi indiciada em cinquenta processos; foi presa sete vezes e submetida a eletrochoques numa clínica da França. Ela amargou o ostracismo e o boicote da indústria e da intelectualidade, acumulando projetos frustrados e isolando-se do mundo em empreendimentos solitários. Mas entre ataques e defesas apaixonadas, o espectro de Leni Riefenstahl atravessou a segunda metade do século, catalisando o debate entre arte e política. "O fato é que ela nunca foi do partido nazista e foi absolvida no julgamento de Nuremberg, no final da guerra. Neste sentido, a relação não passou de uma cineasta trabalhando de encomenda para o governo, em tese. Há também uma versão de que havia uma admiração mútua. Muitas pessoas do círculo íntimo de Hitler tinham por ele uma dedicação muito forte, e Leni não foge muito a isso. A aproximação entre eles começa antes da ascensão do partido nazista ao poder. Hitler já admirava o trabalho dela antes, como atriz, como diretora e como realizadora de seus próprios filmes", acrescenta o professor Parada. ▀